

Campos em construção, os conflitos sociais e de linguagem e a busca da transcendência

Jairo Ferreira
Potiguara Mendes da Silveira Jr.

Em seu quarto número, em dois anos, *Questões Transversais*, a *Revista de Epistemologias da Comunicação*, recebe valiosas contribuições, selecionadas, ao debate sobre a produção de conhecimento. Já nos dois primeiros artigos, resgatamos duas experiências históricas de construção da área da comunicação. A diversidade de enfoque dos dois enriquece o debate.

O artigo de **Serge Proulx** sobre a construção da área nos Estados Unidos registra, com clareza de ideias, embates na retaguarda social e política, onde foram travadas lutas cuja resultante definiu as linhas de pesquisas dominantes (foco na “persuasão” – eufemismo que substituiu o termo propaganda) nos primeiros programas de Doutorado norte-americanos. Com isso, foram preteridas, de um lado, a oposição militante e crítica do campo pedagógico e intelectual (a essa linhagem vitoriosa) e, de outro, as alternativas postas por linhagens derivadas da Escola de Chicago. A ciência da comunicação nos Estados Unidos nasce recortada por uma conjuntura em que as três guerras (Primeira, Segunda e a ‘fria’) se sucederam, fortalecendo lógicas de Estado, dos meios massivos e da publicidade, transformando o cenário cultural pelas mobilizações de consenso. A publicação do artigo coincide com a homenagem ao autor, que se realiza na IAMCR deste ano, em Université du Québec à Montréal (UQAM), por sua contribuição ao campo da comunicação e à investigação sobre os processos midiáticos no Canadá e na França.

O segundo artigo é sobre a construção do campo da comunicação e informação na França, elaborado por **Bernard Miège**, autor claramente posicionado na busca de uma identidade epistemológica da área. Utilizando a categoria da circulação do conhecimento, Miège desenha a emergência do campo a partir de heranças de conhecimentos diversos, suas marcas de interdisciplinaridade e o longo percurso – institucional e epistemológico – de busca de identidades próprias, de pesquisa, conceituais e metodológicas, em especial, mas também formativas. O artigo registra os diversos desenhos de área, comparando a experiência francesa com as de outros países. Para o autor, a tensão de constituição de uma disciplina na área da comunicação não decorre apenas da concorrência, dos empréstimos e trocas feitas com outras disciplinas das

ciências sociais e da linguagem que atuam no mercado acadêmico no debate sobre as “mídias”, mas também das ofertas, demandas e concorrências acionadas pelo saber comunicacional vinculado às práticas nos mercados midiáticos – ambos acionados pelas transformações nas tecnologias de informação e comunicação.

Liv Sovik traz sua contribuição sobre Stuart Hall, num debate com as críticas de Vera Follain de Figueiredo e Ciro Marcondes Filho. Com a primeira, o cerne é a tensão entre posições e ângulos do trabalho intelectual: o nacional e o diaspórico, como posições epistemológicas diversas, que levariam a dificuldades e promessas diferenciadas. Com o segundo, o debate se inscreve nas escolhas de Hall, visando a alternativas a teorias da persuasão/efeitos, em especial no debate que articula linguagem e sociedade, epistemologia e engajamento. Na terceira parte do artigo, a autora retoma essas questões, mas em costura própria, desenhando um perfil ainda a ser mais conhecido: “O debate substantivo sobre o que Hall oferece – ou não – é adiado em meio à necessidade de contestar más leituras, que ignoram o *status*, gênero discursivo e enunciador das análises de Hall”.

O eixo linguagem e sociedade também está presente no artigo de **Regina Rossetti** e **Ricardo Rossetti**, em que propõem articulações entre perspectivas epistemológicas diferenciadas (Bakhtin, Perelman e Ricoeur), buscando intersecções que deem conta da “argumentação, sentido e identidade narrativa, mediante um processo comunicacional de reconhecimento individual, mútuo e social”. O esforço é de buscar pontos em comum, sugerindo para análise de uma problemática “a significação como um problema ontológico de constituição de *quem* é o autor da enunciação e, principalmente, da construção de sentido”.

O artigo de **Maurício Liesen** aborda, da forma que tem sido característica de suas reflexões, uma tensão em permanente debate nas discussões epistemológicas da área: o conceito de comunicação e sua relação com a análise dos processos de comunicação. A partir da recuperação do estudo etimológico da palavra, o autor propõe sua origem vinculada ao existencial e ao místico, expressos nas palavras comunidade e comunhão. (“A palavra também foi listada como uma tradução da palavra latina *commercium*,

mais comumente traduzida como trânsito, transporte, comércio ou relações de troca”). Isto sem tampouco negar o vínculo com o que é funcional. Nesse resgate, opta pelo diálogo com filósofos e busca posicionamentos.

Finalmente, encerrando esta edição, o artigo da pesquisadora **Maria Luiza Cardinalle Baptista**, que atualiza sua formulação sobre as relações entre *caosmose*, *destritorialização* e *amorosidade*. A autora reitera à área da

comunicação uma hipótese que está na pauta de outros autores (Peirce, Badiou, Bataille), mas com uma articulação própria. A tríade da autora é instigante. Sem advogar a crença doentia no amor (erro do marxismo-hegelianismo do século passado), sugere talvez um caminho para análise crítica da fragmentação que se articula com os processos comunicacionais contemporâneos, com – aí sim – a reafirmação do amor como valor social.